A metafísica do humano em José Ortega y Gasset e Juan Ramón Jiménez

The metaphysics of the human being in José Ortega y Gasset and Juan Ramón Jiménez

Helena Simões

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/1723>

DOI: 10.4000/cultura.1723

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2012

Paginação: 253-274

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Helena Simões, « A metafísica do humano em José Ortega y Gasset e Juan Ramón Jiménez », *Cultura* [Online], Vol. 30 | 2012, posto online no dia 15 outubro 2014, consultado a 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/1723> ; DOI : 10.4000/cultura.1723

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

A metafísica do humano em José Ortega y Gasset e Juan Ramón Jiménez

The metaphysics of the human being in José Ortega y Gasset and Juan Ramón Jiménez

Helena Simões

cuncta fluunt, omnisque vagans formatur imago;
ipsa quoque adsiduo labuntur tempora motu, non
seculus ac flumen; neque enim consistere flumen nec
levis hora potest: sed ut unda inpellitur unda
urgeturque prior veniente urgeturque priorem,
tempora sic fugiunt pariter pariterque sequuntur
et nova sunt semper; nam quod fuit ante, relictum
est, fitque, quod haut fuerat, momentaque cuncta
novantur.

(Ovídio, *Metamorfoses*, XV: 176-198)

1. Introdução: o fundamento humano da necessidade metafísica

- ¹ A metafísica, como implica a significação do seu étimo grego, é um exercício que procura compreender tudo aquilo que está para além (μετα) da realidade material/física (Φυσικ) – como tal, todas as questões pertinentes aos princípios, origens e fundamentos da existência conhecem aqui o seu berço. Em José Ortega y Gasset e Juan Ramón Jiménez, a preocupação metafísica é uma evidência, central à inquietação das suas dimensões vitais, numa coerência que os une para além da dinâmica geracional e da partilha ideológica de um grupo e de uma atitude cultural comum.¹ Para José Ortega y Gasset, o problema humano é o epicentro de toda a dúvida subsequente, quando se procura conhecer a vida

pela resposta filosófica que é o próprio exercício de a vivermos. O amor ao saber transfunde-se aqui no próprio amor à vida – é uma procura de orientação e de construção de um mundo único, de um encontro com o fundamento vivo do que somos.² Em Juan Ramón Jiménez entendemos esta mesma ataraxia entre homem e mundo, no renovar dos antigos laços entre poesia e filosofia, numa simbiose que não é mais que o enfrentamento íntimo de um homem, na sua cosmovisão lírica, face às interrogações primordiais da vida, quanto ao ser, à verdade, e ao bem.³ É um processo de aclaração face ao seu eu autêntico, de interiorização do mundo exterior adentrando-se na realidade, conceptualizando-a e recriando-a simbolicamente, redescobrimo a sua atitude vital perante a vida, a sua “mesmidade”. Não é a metafísica um processo de destilação enviesada e confusa da realidade, outrossim uma indagação muito concreta do encontro com o eu próprio. Indagar sobre um estudo metafísico da realidade é reconhecer a sua medida humanizadora, no sentido em que sem a necessidade e ímpeto de conhecer através dela, a metafísica não possuiria em si qualquer sentido ou orientação. A metafísica é a construção excepcional e infinita do mundo na procura do saber e de nós mesmos: “Día, alegre aprendizaje/ de la infinita sofía!”⁴ é uma exigência imanente de inteiração do que nos rodeia, uma vontade imperfeita de significação e permanência na consciência ineludível do perpétuo movimento da vida.

2. A realidade radical do ser humano enquanto ser consciente e vivente

- 2 O nascimento do homem marca o momento primeiro de problematização da vida, de individuação da existência, no dar-se conta de que existe, lutando entre intelecto e vontade. Começar a viver é iniciar um processo irreversível de tomada de consciência ante o que nos rodeia, na vida que é a realidade antecessora de possibilitação do humano: “En una palabra, cuando nació el hombre, cuando empezó a vivir, comenzó asimismo la vida universal”.⁵ A excepcionalidade do homem revela-se na idoneidade de não viver apenas, mas de se sentir viver, de ser afectado pela sua própria circunstancialização, de se inteirar do seu entorno. A consciência é, precisamente, a percepção de imediatez e latência da realidade fora e dentro de nós, daquilo que se nos apresenta, que se nos obriga no intelecto e nos sentidos, e a que forçosamente respondemos. Poderíamos falar, neste sentido, da consciência enquanto *Erlebnis*, uma vivência, que é necessariamente *consciência de*, obrigação de discernimento do vivido e de descoberta descritiva da realidade.⁶ É uma condição de radicalização do mundo no princípio imanente de se saber existir, numa realidade radical, ou num epicentro do qual dependem outros tipos de realidade, física e espiritual.⁷ Tal como nas metafísicas da imanência de Hirschberger, há uma interioridade humana que se constitui égide da nossa consciência, o substrato e fundamento do que é e do que não é ou, tal como escrevera Schubert-Söldern: “o que existe, *bestehet*, sou eu e eu sou tudo o que existe”⁸ – o homem é o problema radical da vida. Existe na noção de consciência o desdobramento activo de descoberta do ser, do todo, da extensão potencial da existência, e do nada, da anulação da vida, e do encaminamento para a morte. Somos o ponto cêntrico que actua como um monarca vigiloso de um estado inquieto, localizados prolepticamente entre a antecipação incontrolável da vida e a possibilidade de realização da nossa própria inerência, procurando em nós mesmos o sustento para a dialéctica instável do existir. Isso mesmo expressa Jiménez no sétimo verso do soneto *Nada*: “buscaré en mis entrañas mi

sustento”.⁹ O eu da consciência é uma instância irreduzível e interior, impassível de se transmutar em coisa ou em outro – a dimensão do outro surge-nos como uma referência primeira ao eu, no sentido em que é a minha existência que permite a sua entificação, que o recebe e interpreta de modo obrigatoriamente único. A consciência actua enquanto sustentáculo onde repousa toda a realidade, o que nos obriga ao reconhecimento da natureza independente dos outros, quando cada ente nos surge de forma evasiva, escapando na sua execução própria a qualquer tentativa de enclausuramento funcional ou conceptual, pois nenhum homem é objectificável ou passível de ser usado: “usar, utilizar solo podemos las cosas. Y viceversa: cosas son los puntos donde se inserta nuestra actividad utilitaria. Ahora bien: ante todo podemos situarnos en actitud utilitaria, salvo ante una cosa, salvo ante una sola cosa, ante una única cosa: Yo”.¹⁰ Este *eu* diacrónico, que desenvolve a sua actividade ininterruptamente pela vida, é a própria realidade das coisas, situações, sendo e executando-se numa inexequível captabilidade. Ao tentarmos fixar as coisas no seu movimento, damos origem a um novo acto, a uma nova constituição de sentido. Existe neste pressuposto uma noção de quase imobilidade do ser ante a sucessão da vida própria e autónoma, como uma fonte de enunciação solidificada no meio de um espaço total em fuga¹¹ – algo que nos é dado, em Jiménez, na riqueza metafórica da realidade que se entrosa instantânea nos sentidos. Esta realidade em marcha, que escapa em toda a sua intensidade ao eu constituinte, permanece apenas enquanto paragem ideal no poeta, como os sons longínquos e os perfumes de rosas e jasmíns que marcam a sua primeira escrita – a realidade é simultaneamente um conjunto de movimentos em perpétua fuga e o mistério de um mundo impenetrável. Entre o eu e a realidade realiza-se uma tensão dual, uma aporia entre o dentro e o fora, cuja percepção de imaterialidade e de transitoriedade impele à procura de fundamento e apoio em si mesmo: “No corras, ve despacio/ que adonde tienes que ir es a ti sólo”.¹² Os limites da existência individual conservam no homem a sua independência interna relativamente ao mundo circundante – o primário que há no Universo é o nosso viver, e tudo o resto há, ou não há, na nossa vida, dentro dela. O homem integra atemporalmente, na dimensão de fatalidade do seu existir, a corrente mutável de acontecimentos que é a vida, possuindo capacidade para a interpretar, criando e recriando o conteúdo das circunstâncias que o rodeiam: “La conciencia no es reclusión, sino al contrario, es esa extrañísima realidad primaria, supuesto de toda otra, que consiste en que alguien, yo, soy yo precisamente cuando me doy cuenta de cosas, de mundo”.¹³ A consciência é precisamente o suporte da faculdade intelectual do homem que lhe permite captar a essência subjacente da realidade, através do processo de significação que subjaz à atribuição de um nome – os conceitos são produzidos pelos actos de consciência, que funcionam por sua vez como estruturas reveladoras e organizadoras da realidade: “Cada nuevo concepto es un nuevo órgano que se abre en nosotros sobre una porción del mundo, tácita antes e invisible. El que os da una idea os aumenta la vida y dilata la realidad en torno nuestro”.¹⁴ A ideia é um ponto de vista; não é o nosso sentido da visão que gera a realidade, tal como na teoria platónica, porque vemos com os conceitos. Os conceitos são o nosso primeiro contacto com a realidade, que organiza a totalidade dos seus fragmentos colocando-os correlativamente, ofertando-lhes uma estrutura: “Inteligencia, dame/ el nombre exacto de las cosas!/... Que mi palabra sea la cosa misma,/creada por mi alma nuevamente”.¹⁵ O contacto sensitivo com a realidade acaba por ser, sempre, uma forma de a pensarmos reflexivamente, quando remetemos e antecipamos a observação do mundo para a égide explicativa da nossa consciência, fazendo de cada coisa o centro do universo.¹⁶ As coisas não são procuradas fora de nós, mas sim evocadas e conjuradas pelo próprio eu; o nosso

quotidiano é conciliado intuitivamente e transubstanciado no nosso próprio viver: “Cielo, eres mío./ ¡Cielo, eres mío! ¡Y no eres cielo ¡oh lirio enjaulado!/ sino cuando mis manos dulces te abren/ tus alas infinitas!”.¹⁷ A realidade não se nos opõe, confunde-se connosco, é a própria potencialidade e limitação do nosso âmbito vital – a unidade do mundo desaparecerá com o fim da vida humana enquanto suporte do real. No entanto, a consciência humana em que radica a consciência de vida não é uma realidade por extensão, nem um ente determinado e pensante, mas a expressão de um ponto de vista tão amplo e diverso quanto o nosso querer, tão demarcado quanto as nossas situações e modos de vida. Não há uma base imutável e exclusivo para a realidade, “hay tantas realidades cuanto puntos de vista”, é o ponto de vista que cria o panorama.¹⁸

3. O problema de transfinitude circunstancial da vida humana: eu e o mundo

- 3 Reconhecer a natureza transfinita do ser humano é reconhecer a dimensão de relação consciente que estabelecemos com o universo, ou o fenómeno de absorção da vida ao darmos conta daquilo que nos envolve. A inteiração da nossa circunstância obriga a que a realidade envolvente se integre no nosso próprio quadro existencial, modelando-se ao nosso sentido e modelando-nos: “Cuando torno del mundo, ya cayéndose/ la sombra, salgo al cielo/ por mi balcón, como a la casa mía”.¹⁹ A forma que temos não nos é suficiente, vivemos em co-vivência com as coisas, numa relação biunívoca e inseparável com o universo. Tal como uma ilustração metafórica, saímos de nós simbolicamente para ser outro ser, abrindo-nos à natureza essencial da vida, integrando o outro em nós mesmos, reconhecendo que é impossível ser-se humano sem compreender a teia de causas e consequências que está na origem da possibilidade do nosso nexos de sentido. “Hoy concreto ya lo divino como una conciencia única, justa, universal de la belleza que está dentro de nosotros y fuera también, y al mismo tiempo”²⁰ a vivência de êxtase que poetiza Jiménez, traduzindo precisamente esta vivência de fusão com o mundo, em que se esfumam as antinomias entre o eu e o outro, o fora e o dentro, o mundo e a consciência. O sujeito das nossas acções encontra-se envolvido por esta circunstância, e pela intuição fundamental que com ela estabelecemos, de que somos centro activo e condição apassivante, e da qual inevitavelmente dependemos na procura de sentido que é a própria vida, como refere Ortega: “El hombre rinde el máximo de su capacidad cuando adquiere la plena conciencia de sus circunstancias. Por ellas comunica con el universo”.²¹ É esta simbiose que encontramos na transfiguração alegórica da viagem marítima, circunstância concreta de um homem Juan Ramón, em que o movimento das ondas, imagem para o próprio curso da vida, o abalança à harmonização com o acontecimento concreto da sua vivência. “A que viaja sempre que viajo, é a minha alma entre almas” – o mundo não é entendido como uma realidade assíncrona que se ausenta e omite do poeta, nem como uma vivência monológica. É a pertinência de um acontecimento, de outros seres, da situação que com ele expressa uma simbiose perfeita ao partilharem realidade e sujeito o mesmo destino e o mesmo trajecto – assim nos indica também Ortega: “La reabsorción de la circunstancia es el destino concreto del hombre. Mi salida natural hacia el universo se abre por los puertos del Guadarrama o el campo de Ontígola”.²² Pois o destino concreto do homem reside precisamente na procura de sentido daquilo que o rodeia, na realidade lógica, física, psíquica – da plenitude de compreensão e pertença no mundo de que depende o nosso ser. “Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo.

Benefac loco illi quo natus es, leemos en la Biblia. Y en la escuela platónica se nos da como empresa de toda cultura, ésta: ‘salvar las apariencias’, los fenómenos. Es decir, buscar el sentido de lo que nos rodea”.²³ O eu enquanto pessoa é um sujeito da autoconsciência involucrando o mundo na órbita da sua actividade, em que a realidade radical é justamente este propósito vital que se realiza sempre em determinadas circunstâncias. Salvar a circunstância é como a resposta da poesia livre de Jiménez ao marejar do barco, é a relação com o instante único e repetido da vida, fluindo com a sua dinâmica, apondo o experimentar do seu ritmo às componentes do espírito.²⁴ Não nos encontramos numa relação de exterioridade absoluta com o real, num centro quieto e apartado de sensações, embora não possamos contactar directamente a objectividade do mundo. Viver a circunstância não é estar numa circunstância, mas esbater os contornos do nosso entorno, ao apropriarmos e absorvermos o mundo, fazendo de nós mesmos paisagem. Esta paisagem, que parte de um referencial concreto, não tem delimitação espaço-temporal, é o alargamento *extempore* do nosso horizonte de sentido, uma ampliação exponencial do nosso pensar e sentir, em suma, da nossa experiência humana, tal como escrevera José Ortega y Gasset pela personagem do melancólico espanhol Rubin de Cendoya: “Cada paisaje me enseña algo nuevo y me induce en una nueva virtud”. As paisagens traduzem não só o que nos totaliza enquanto indivíduos, mas também a nossa busca de complementaridade com o mundo, da alma que mimetiza a outra metade – “Han creado la mitad de mi alma” –, o que traduz o acontecimento sintáctico de reunião do homem com a sua busca de sentido, em suma, com a sua circunstância e a salvação da mesma: “Dime el paisaje en que vives y te diré lo que eres”.²⁵ Foi o mar de Jimenéz que o colocou em contacto com o seu mar interior, despertando a sua consciência para a descoberta de um “pozo sagrado de sí mismo”,²⁶ a inteiração de que sempre havia sido uno com o universo, ao palpar o fundo misterioso da vida pela intuição do infinito na própria relação objectiva com as coisas. Esta é uma visão de aclaração da consciência, que transcende o conceito quotidiano de conhecimento consciente – é a revelação de uma supraconsciência humana, de dimensão infinita dada na percepção extásica, atemporal, de fusão do individual no colectivo, do interior no exterior.²⁷ Eu e mundo solvem a *coincidentia oppositorum* envolvidos numa luta frenética, unidos por um dinamismo dramático, sucedendo-se no ritmo incerto e improcedente da vida. O homem não é mais que este drama, é a sua vida enquanto acontecimento universal, sobreposto aos confinamentos do seu físico e da sua *psyché*, da concretude óbvia das coisas. É o acontecer e o acontecer-se entre os acontecimentos que enfrenta, em que a salvação da circunstância não é mais que estar à altura da sua própria vida. A busca de preenchimento na vida é precisamente a expressão do amor intelectual que encontra em cada coisa a indicação de uma possível perfeição. Existência e identidade entendem-se na própria apreensão e salvação dos fenómenos, do esforço amoroso de procura repetida de sentido no mundo, como a ilustração que Jimenéz nos deixa do seu eu-criança que renasce a cada instante: “¡Ve despacio, no corras,/que el niño de tu yo, reciennacido/eterno,/no te puede seguir!”.²⁸ Viver é uma contínua sucessão de acontecimentos, de ressurgimentos executivos da realidade irreduzível de cada ser; viver é agir no mundo, ocupar-se dele, ocupação e correlato de que resulta a constante e eterna recriação do ser quando possui uma ideia integral do universo. Como clarifica Ortega: “La vida es siempre ecuménica, universal. Cada gesto que hacemos, cada movimiento de nuestra persona, va hacia el universo, y nace ya conformado por la idea que de él tengamos”.²⁹ O nosso modo de ser é radical e intransferível, ser é viver, vida e consistência; o processo de re-feitura do mundo é um processo de re-feitura do ser, de re-criação – a vida é, neste sentido, um processo

cumulativo e interminável, uma historicidade peculiar entre mudança e desenvolvimento perpétuo. Cada vida exerce uma tensão distinta sobre o universo, distinção exemplar e singular que lhe permite superar os freios da determinação temporal, existindo a seu modo única e alheia às variações históricas, adquirindo por si uma “dimensión vital”. Reconhecer a circunstancialização do ser humano é reconhecer a multiplicidade de pontos de vista que constituem a realidade, e que para Ortega constituem a única forma de aproximação à verdade: “La realidad, como un paisaje, tiene infinitas perspectivas, todas ellas igualmente verídicas y auténticas”.³⁰ Compreender a vida é rejeitar uma visão absoluta e omnímoda da realidade, pois quem intenta impor apenas uma leitura da verdade, que é necessariamente a sua, corre o risco de incorrer num “error de óptica”. A vida é um problema infinito de desdobramento múltiplo de realidades em realidades, divergentes quando vistas por ópticas diferentes, e tão autênticas quanto a própria dimensão vital do eu de onde dimanam e de quem formam parte estruturante: “la peculiaridad de cada ser, su diferencia individual, lejos de estorbarle para captar la verdad, es precisamente el órgano por el cual puede ver la porción de realidad que le corresponde. De esta manera, aparece cada individuo, cada generación, cada época como un aparato de conocimiento insustituible. La verdad integral sólo se obtiene articulando lo que el prójimo ve con lo que yo veo, y así sucesivamente. Cada individuo es un punto de vista esencial. Yuxtaponiendo las visiones parciales de todos se lograría tejer la verdad omnímoda y absoluta”.³¹ A multidimensionalidade da realidade não é, no entanto, dado óbvio ou apreensível pela nossa pronta inteligência sensorial, existe um mundo de riqueza insondável para além da primeira superfície das impressões puras, “el escorzo/el transmundo”. A captação da realidade e a busca de plenitude têm em vista a apropriação da realidade para além das impressões instantâneas, tarefa esforçada que exige agudeza de visão e espírito. Ortega associa-a ao acto de criação artística e ao dom do poeta, cujo olhar enriquece e aprofunda a dimensão quotidiana, no reflexo estupefaciente e expressivo da própria inalcançabilidade da vida e da realidade humana que se funda no princípio da fantasia: “El poeta aumenta el mundo, añadiendo a lo real, que ya está ahí por sí mismo, un irreal continente. Autor viene de ‘auctor’, el que aumenta. Los latinos llamaban así al general que ganaba para la patria un nuevo territorio”.³² A atitude de espanto, o “assombro” perante a vida, característica do poeta e do filósofo, não é mais que o retorno a um encontro primeiro com a realidade primordial e intangível da vida, para além da circunscrição da *scientia*, ou do domínio da comunidade: é o sentido de abertura tectónica total ao viver. Permitir-se ser surpreendido é ver com os olhos da razão, tal como Sócrates fora o primeiro a compreender a operação do *logos* na criação consecutiva de novos mundos, e da cadência de variação e consumição de todas as coisas. É do deslumbramento do homem face à pluralidade impenetrável do seu viver que emerge o entendimento: “Sorprenderse, extrafiarse, es comenzar a entender. Es el deporte y el lujo específico del intelectual. Por eso su gesto gremial consiste en mirar el mundo con los ojos dilatados por la extrañeza. Todo en el mundo es extraño y es maravilloso para unas pupilas bien abiertas”.³³

- 4 A surpresa é precisamente a tomada de atenção à transfinitude do real, a capacidade de captação do “esencial, lo profundo y latente”, para além dos aspectos ou sombras ideais, fazendo emergir à superfície a profundidade do fundo de fonte viva que contém cada aparência³⁴ – exercício dialéctico comum ao filósofo e ao poeta. É exactamente este o cuidado de Jiménez ao procurar a transubstanciação poética da vida, enquanto símbolo do simultaneamente perene e mortal, como no poema *La Noche*: “Está el árbol en flor, / y la

noche le quita, cada día,/la mitad de las flores./ ¡Ay, si siquiera las mintiese/ luego, siempre, en el agua quieta de su sueño! – / ¡Vida, semijardín/ de mediosárboles!”.³⁵ Ao afigurar a imensidade do significado através da brevidade da forma, o poeta procura reter o que esta tem de mais puro e essencial. Este domínio da fantasia que sobreleva a superfície da realidade, e que a ela retorna repetidamente para colher referencial e inspiração, não é mais que a metafísica humana de salvação circunstancial. O isolamento da vida face à sua realidade palpável e temporal, que a sobrevive no processo de criação atemporal da memória, é o próprio paradoxo em que constituímos o sentido da nossa existência, salvando a perdurabilidade essencial dos seres, momentos e coisas, mesmo após a evasão material das suas formas.³⁶

4. Ser enquanto *ser-se*, a dimensão de execução infinita do ser humano

- 5 A vida, como a entendemos, é um fluxo que nos entremeia na transversalidade de uma rede múltipla de coisas e situações – pois cada coisa, cada ponto metafísico do mundo é sempre pedaço e referente de outra maior, de uma encruzilhada de relações e influências.
³⁷ A tragicidade da vida é semeada neste caos infinito de interferências mútuas, em que procuramos ater-nos e criar uma ordem necessária na efemeridade que se nos escapa, pois a nossa natureza não é uma substância estática, mas sim relacional – tal como um sistema planetário é oriundo de uma relação de movimentos. A dificuldade consiste precisamente na tentativa de sistematização do modo livre que é o homem, numa seriação legalista e irreal, para além de impedidora da compreensão do mundo – um estado que Ortega compara à prisão das convicções e à rigidez da morte: “Nuestras convicciones más arraigadas, más indubitables, son las más sospechosas. Ellas constituyen nuestros límites, nuestros confines, nuestra prisión. Poca es la vida si no piafa en ella un afán formidable de ampliar sus fronteras.... Toda obstinación en mantenernos dentro de nuestro horizonte habitual significa debilidad, decadencia de las energías vitales”.³⁸ O homem que se prende a uma tentativa de imobilização da vida dentro dos limites do seu horizonte habitual sucumbirá necessariamente ao sentido pretérito de enclausuramento no passado, numa estática ideológica, física, espiritual, que se distancia do viver por não se encontrar em uníssono com o ritmo vital do mundo. Encontramos este sentido de vivência absorta nas primeiras constrições poéticas de Jiménez, onde o poeta se segrega enquanto espectador, observando o perpassar da vida e meditando a sua própria mortificação – uma ilustração da permanência na severidade da morte enquanto tudo o resto segue o seu curso, um “viaje definitivo”: “en el rincón secreto de mi huerto florido y encalado/ mi espíritu de hoy errará, nostálgico.../ Y yo me iré, y seré otro, sin hogar, sin árbol/ verde, sin pozo blanco,/ sin cielo azul y plácido.../ Y se quedarán los pájaros cantando”.³⁹ Mortificamo-nos pelo distanciamento da vida como a arte sem criatividade e autenticidade, que se limita à tentativa de cópia do mundo e que acaba na tentativa de aprisionamento do “real”, por ser a mais irrealista. Ao tolhermos a existência numa inflexibilidade impossível, somos como objectos “ya del todo concluídos, muertos de puro acabados, hieríticos, momificados y como pretéritos”.⁴⁰
- 6 Estamos em perpétua e constante execução, o nosso presente é o nosso passado, é uma moção imperceptível e diacrónica em que fidelizamos o sustento transacto do nosso caminho, transfigurando-o simultaneamente na realidade histórica e vital do presente. O passado é irreversível, a terra desaba por trás de nós, abandonados à tarefa árdua de sua

vivificação e testemunho, quando o integramos na nossa posição de presente face ao futuro e o reanimamos.⁴¹ A métrica do tempo é uma aritmética de indecifrábilidade, quando o próprio começo da vida é já aqui e agora, e transcorrendo – uma acção de continuação em que se constitui o fazer, e em que se restitui a per-vivência do instantâneo, como aponta José Ortega y Gasset: “La vida es una operación que se hace hacia adelante. Se vive desde el porvenir, porque vivir consiste inexorablemente en un hacer, en un hacerse la vida de cada cual a sí misma”.⁴² A vida é uma moção eterna que nos impele ao fazer, a uma exigência de realização efectiva no mundo, projectados para a necessária execução do devir, na extensão de antecipação da nossa actividade. O tempo em que nos realizamos é uma fuga, uma sucessão de presentes absolutos, que se evadem constantemente, tal como a alegoria com que compara Jiménez a beleza a uma borboleta de luz que sempre se evade de nós, quando tentamos agarrá-la: “¡Sólo queda en mi mano / la forma de su huida!” Esta condição fátua da vida obriga-nos à aceitação da sua forma enquanto ausência, pois é apenas ao fluirmos com o seu curso impermanente que nos permitimos caminhar infinitamente e na segurança de sermos parte de um fluxo interminável – fazendo de nós mesmos fuga, *fugando-nos* com a beleza.⁴³ A alegoria poética cumpre aqui precisamente o sentido de desprender da acção, por meio do símbolo e da alusão, um encadeamento de actos narrativos, que são a própria trajectória cumulativa e histórica do homem – andando de mão em mão com as coisas, nunca chegando ao seu destino quando este é antes que chegada, caminho transfinito.⁴⁴ Semelhante à ambivalência de um rio, que sempre se renova e progride, e cujas águas passantes são uma cadeia sem retorno, justamente como na criação de uma obra, símbolo após símbolo, se faz também de vivência em vivência toda uma vida.

- 7 Este cenário trágico de mutabilidade, correlação e insegurança contido na metáfora do Paraíso é o panorama onde convergimos na excepionalidade do “problema humano, de cual, como de un toco virtual, se derivan todos los actos del hombre”.⁴⁵ O ser-se humano não é um acto fadado pela corrente imparável da vida, obedecendo como um astro a trajectória fixa, mas sim potencialidade determinante, na capacidade de condução do seu agir, de sua feitura própria, de decisão quanto à natureza e modo do seu fazer, de ser a causa de si mesmo – problema central da vida. “La condición del hombre es, en verdad, estupefaciente. No le es dada e impuesta la forma de su vida como le es dada e impuesta al astro y al árbol la forma de su ser. El hombre tiene que elegirse en todo instante la suya. Es, *por fuerza*, libre”.⁴⁶ Como a metáfora de fuga em Jiménez, ver-se a si mesmo em fuga é ter noção do próprio movimento, ter a capacidade de se renovar constantemente, de não ser apenas, mas de se suceder, de *ser-se*, tal como o sentido da poesia é de perpétua regeneração e construção de uma nova consciência de si e do mundo – “aspiración constante a algo nuevo”.⁴⁷ O ser humano e a vida humana são o problema do homem dentro de si, numa sintaxe entre materialidade e espiritualidade, a quem as características orgânicas são definições virtuais e próprias, pois é o homem que em si as aviventa e lhes atribui sentido na necessidade de constante locupletação em que hasta o seu viver, como observa Ortega: “el yo no es cosa ninguna, sino una tarea, un proyecto de existencia”.⁴⁸ A vida humana é a fidelidade à particularidade do puro drama, do acontecimento, que é o homem no seu fazer em determinada circunstância, do seu programa vital, ou da necessidade fundamental da vida enquanto “que-hacer”. Porque a vida é a expressão cinética da actividade em curso, do movimento inesgotável em que cada ser se situa num perpétuo “statuo nascens”, como nos versos reinvocativos de Jiménez: “Yo sólo, Dios y padre y madre míos, / me estoy haciendo, día y noche, nuevo / y a mí gusto”.⁴⁹ Não somos simplesmente, factual, verbal ou substantivamente, o nosso

problema existencial não é a pergunta pelo *quid* – o mero existir. Ser um *que* por oposição a um *quem* implicaria uma necessária corporificação do que somos em objectos, retidos no tempo e no espaço e dependentes de uma fórmula prévia para ser. A vida é antes, como nos propõe Ortega, “un gerundio y no un participio: un ‘faciendum’ y no un ‘factum’”,⁵⁰ o estado indefinível em que nos encontramos em tensão entre o que somos e o nosso vir a ser, na indeterminação em que criamos a vida a nosso gosto, pela concepção que dela e que de nós fazemos, sendo “novelistas” da nossa cosmovisão e do nosso desejo de vida. O *ser* humano é antes um *ser-se*, um verbo a que se acrescenta a reflexividade do pronome, na insistência da renovação diária e na reciprocidade de actuarmos no mundo e de recebermos do mundo repercutida a nossa actuação. É uma fuga e um constante regresso a nós mesmos, um movimento de potencialidade infinita imbuído na própria finitude que acarreta a vida, que tal como a poesia é uma obra em marcha, cuja perfeição é justamente a sua condição inacabada: “No hay que intentar acabar la poesia; que entonces, el acabar nos acaba”.⁵¹ A perfeição da vida é a sua dimensão de abertura, de constante metamorfose, na realidade eterna da sucessão que procura não o aprisionamento das formas, mas a valorização da essencialidade intrínseca das coisas.⁵²

- 8 A descoberta da essencialidade da vida é o exercício onde encontramos, na incompletude de abandono e acumulação de um antigo e novo ser, o tão desejado preenchimento da nossa busca existencial. Aquilo que nela e que com ela fazemos é já o encaminhamento para a resolução do nosso problema; pois todos os nossos ofícios e afazeres são mais que funções – constituem implicações. A realidade humana é, como refere Ortega, “un efectivo y literal ‘hacer-se’, digamos, ‘fabricarse’”,⁵³ viver é encontrar na vida fundamento, não é apenas entregar-se ao fluxo das circunstâncias, deixando-se ir com os acontecimentos, e por tanto iludindo o seu projecto vital, mas tomando posição, sabendo a que se ater. A pressão dinâmica e biunívoca que exercemos com o mundo, antílope da caracterização de quem somos, da nossa integridade e atribuição valorativa, não implica uma perda de nós, mas sim um reforço. Tal como explicita Jiménez, existem dois dinamismos: “el del que monta una fuerza libre y se va con ella en suelto galope ciego; el del que coje esa fuerza, se hace con ella, la envuelve, la circunda, la fija, la redondea, la domina. El mío es el segundo”.⁵⁴ Esta situação implica o reconhecimento de autenticidade naquilo que somos, de aderência e confirmação ao nosso fundo vital; podemos intentar olvidar-nos de quem somos ou viver como outrem, sendo “versallescos” ou “jacobinos”, mas ambas as opções não serão mais que uma expressão de angústia suicida, de um desviver. “Toda vida humana tiene que inventarse su propia forma; no hay propiamente un *Zurück*. El imperativo de autenticidad es un imperativo de invención”.⁵⁵

5. Entre autenticidade e salvação: a realidade polissémica da vida humana

- 9 O mundo surge-nos como um repertório ilimitado de possibilidades vitais, em que nos localizamos, albergando dentro de nós o problema trágico e heróico de concretização do nosso potencial único e incomparável; não podemos sair da vida que temos, em que procuramos necessariamente a melhor forma de ser, aquilo que fundamentalmente somos. Este âmago vital é o que traduzimos em todas as nossas actividades, já por si soluções para o problema irresolúvel da vida: “el hombre lleva dentro de si un problema heroico, trágico: cuanto hace, sus actividades todas, no son sino funciones de ese problema, pasos para resolver ese problema”.⁵⁶ Cada indivíduo deve procurar a sua

condição autêntica, expressando, sentindo e pensando a cada momento a sua verdade interior. Existe um aspecto de obrigatoriedade à transparência existencial em José Ortega y Gasset, no sentido em que cada indivíduo deve assumir um papel assertivo no processo de auto-realização contínua que é a vida. Isto não é mais que o imperativo ético de acção que compele cada pessoa humana ao assumir de um projecto vital – a resposta a uma “llamada íntima”, à nossa mais recôndita predisposição, ao sermos responsáveis no cumprimento do nosso íntimo, por fazer e realizar a própria vida, o pulsar da cultura. O que há de trágico e heróico na vida consiste precisamente na concretização do nosso potencial centrípeto, da nossa vida pensada e projectada, do nosso sentido de auto-superação ou de seu fracasso e capitulação – enquanto lutamos com as coisas, na vida centrífuga que é misto de sujeição e liberdade. A afectação da vida em nós é reveladora e instrutiva do quão dependemos da relação intrínseca que se estabelece entre a efectividade e o projecto, as duas facetas do viver; a alegria surge-nos na coincidência entre a nossa vida-projecto e a nossa vida-efectiva; por outro lado a deslocação de uma ou de outra dilacera-nos.⁵⁷ Heróico é o exemplo de quem se é, a si mesmo autêntico, debatendo-se pela coincidência esforçada entre o que há de mais essencial em si e o ingovernável acontecer da vida: “lo más fácil que puede hacerse con una cosa es escribir un libro sobre ella. Lo difícil es vivir de ella”.⁵⁸ Reside neste pressuposto uma diferença fundamental entre “existir” e “ser-se”: a primeira expressão remete-nos para um vir resignado ao mundo, um discorrer indiscernido longe da própria vocação humana. Por sua vez ser-se implica uma tarefa onerosa de busca de preenchimento e congruência com a realidade transfinita do particular. A vocação humana é um *ter que ser*, por oposição ao *dever ser*, estritamente intelectual da moral; o intelecto só opera neste sentido enquanto suporte e auxílio à resolução do destino íntimo do homem.⁵⁹ Porque a “auténtica plenitud vital no consiste en la satisfacción, en el logro, en la arribada”, é um esforço constante de procura de habitualidade nas coisas, de fundamentação vivencial – tarefa do “hombre selecto”.⁶⁰ É um princípio de excelência vital que orienta o zelo quotidiano de demanda de perfeição em cada palavra e acto consciente, reconhecendo a sua insuficiência, impermanência e imperfeição. “No sé com qué decirlo,/ Porque aún no está hecha/ mi palabra”,⁶¹ cumpre o imperativo de autenticidade de Ortega, aquele que se mantém dignamente conforme a si mesmo, e inconforme face à aquiescência imediatista e superficial do que o rodeia. Atingirmos a nossa vocação é tomarmos consciência da dimensão transfinita da vida, da sua necessidade autogenerativa de construção contínua e sucessiva, procurando através dela ultrapassarmo-nos.⁶² Como Jiménez, exemplo humano em que vida e obra, potência e acto, se transfundem como um rio, desaguardo no mar da vida, na fonte de renovação e criação que constitui a nossa plenitude vital,⁶³ constituímos-nos na potencialidade de sermos livres numa fatalidade, de atingirmos a vida bela pelo aperfeiçoamento.

- 10 Aconselha-nos a máxima délfica e a fórmula de Píndaro – “Llega a ser el que eres” –; a condição trágica da vida é chegarmos, ou não, ao que inexoravelmente somos, correndo o risco de nela naufragarmos: “la consciencia del náufrago, al ser la verdad de la vida, es ya la salvación”.⁶⁴ O elemento de turbulência, que nos traz a percepção da transitoriedade e do aleatório na vida, é também a condição de estupefaciência que nos obriga à busca de sentido nas coisas. A salvação da nossa circunstancialidade é, deste modo, o processo pelo qual apreendemos a dimensão eterna do agora, quando o próprio fluir da consciência é a medida subjectiva de medição do tempo em si mesmo, como ilustra Jiménez: “Si vas de

prisa,/ el tiempo volará ante ti, como una/mariposilla esquiva./ Si vas despacio,/ el tiempo irá detrás de ti,/ como un buey manso”.⁶⁵

- 11 A salvação é um decurso imperativo de preservação que exige o acompanhar da mutabilidade e transiência da vida, mas também de uma *stasis* atemporal e de um êxtase contemplativo – são por este motivo poesia e filosofia fazeres tardígrados, sem pressa mas sem pausa, como as estrelas. Esta conjuntura é o que permite a formação subsequente de uma nova consciência no nosso ser, ao respondermos à fugacidade dos acontecimentos com um *exegi monumentum*,⁶⁶ “He ido más allá/ de la muerte,/ lleno de la vida/ y de la muerte”.⁶⁷ Quando não procuramos delimitar a dimensão temporal da vida por um entorno logicista, aceitamos a multiplicidade das suas instâncias na nossa própria intuição primeira. Ao salvarmos o acontecimento que é o nosso viver, reaprendemo-nos, reconciliando-nos com o mundo, transcendendo pela essencialidade a dinâmica temporal da existência. Encontramos uma medida de eternidade na valorização do momento próximo, assim como nos versos do poema XCVII: “Lo seré todo,/ pues que mi alma es infinita;/ y nunca moriré, pues que soy todo./ Qué gloria, qué deleite, qué alegría,/ qué olvido de las cosas,/ en esta nueva voluntad,/ en este hacerme yo a mí mismo eterno”.⁶⁸ Abrimo-nos à dimensão infinita do espanto, ampliando o horizonte da nossa consciência e contactando directamente com as coisas essenciais.⁶⁹ Perscrutamos a fundura da vida e da nossa inerência, na eternidade que, como presença humana, não é nem temporal nem intemporal, mas núcleo transfinito de exercício de nova imanência. A plenitude é justamente esta procura de perfeição essencial na vida⁷⁰ – “depuración constante de lo mismo, sentido en la igualdad eterna que ata por dentro lo diverso en un racimo de armonia sin fin y de reinternacion permanente” – que acompanha o movimento do sentimento e da intuição, no espaço e no tempo, penetrando no coração da realidade, o horizonte do eterno ou “ese mundo tan grande y tan abierto que tenemos en el fondo”.⁷¹

6. Conclusão: a plenitude humana enquanto harmonia e transcendência

- 12 A vida humana enquanto realidade radical assume um pressuposto axiológico de superação da antinomia sujeito/objecto em José Ortega y Gasset. O plano ontológico da realização humana, enquanto devir inesgotável, prende-se a um *ethos* de autenticidade, que compele o homem ao atender da sua vocação pessoal e do seu destino intransferível. A felicidade reside precisamente neste encontro do eu com o seu destino, ao seguir a sua necessidade essencial ou inclinação – realizar-se é ser-se o que se é de verdade. “Por esta razón decía Schlegel, invirtiendo la relación entre voluptuosidad y destino: ‘Para lo que nos gusta tenemos genio’. El genio, es decir, el don superlativo de un ser para hacer algo tiene siempre a la par una fisonomía de supremo placer. En día próximo y por vía de rebotante evidencia nos vamos a ver sorprendidos, como obligados a descubrir lo que ahora sólo parecerá una frase: que el destino de cada cual es, a la vez, su mayor delicia”.⁷² A inesgotabilidade do ser e das suas potencialidades leva a que o caminho de realização seja também um ofício, uma obra séria de exigência para consigo mesmo, de responsabilização perante a sua liberdade radical. A única salvação existencial reside no trabalho grato e no esforço da dedicação, um modo digno de existência que é fundamento das almas nobres: “Es, por excelencia, el imperativo de la nobleza del alma – *noblesse oblige* – y esto significa que poseer auténtica calidad de nobleza es sentirse a sí mismo no tanto como sujeto de derechos cuanto como una infinita obligación y exigencia de sí mismo

ante sí mismo”.⁷³ É uma virtude magnânima que acompanha a ideia de aperfeiçoamento constante e de procura de veracidade e perfeição, uma satisfação virtuosa com o pequeno que se associa ao agir nobre, ou uma megalopsiquia.⁷⁴ A nobreza de espírito é o cultivo interior da pureza e fidelidade ao âmago, “el diamante más fresco de tu alma”, que se derrama abnegadamente como uma luz insigne e intensa a ser desfruída por todo o seu entorno.⁷⁵

- 13 A coincidência do homem consigo mesmo é neste sentido a realização na realidade humana da *alétheia*, de solvência do mundo no íntimo do homem, de simultânea expressão do projecto vital e de relação harmoniosa com as coisas.⁷⁶ Este relacionamento com o mundo não implica uma renúncia e fuga à nossa solidão, em que “tenemos miedo a nuestra vida que es soledad y huímos de ella, de su auténtica realidad, del esfuerzo que reclama y escamoteamos nuestro auténtico ser por el de los otros, por la sociedad”.⁷⁷ A impessoalidade, a apatia, o imobilismo correspondem justamente ao aspecto opósito da realização, o naufrágio ou o desviver, quando assumimos uma postura indiferente e irreflectida perante a vida. Como induz Jiménez: “No robes/ a tu soledad pura/ tu ser callado y firme./ Evita el necesario/ explicarte a ti mismo/ contra los casi todos”;⁷⁸ cumprir o projecto vital implica um aspecto de reflexão, de salvaguarda da interioridade. Só ao sermos inconfundivelmente nós próprios, podemos relacionar-nos de forma honesta e enriquecedora com os outros – no aspecto supremo da convivência, da companhia, da reciprocidade que implica a nossa vivência inter-relacional no mundo. O reconhecimento do *outro* é aqui justamente associado à plenitude do amor, em que superamos o isolamento e a solidão pela abertura e comunhão com a própria solidão dos outros, o *tu*. “Sé tú el naciente eterno/ que recoja el sol cárdeno que muere, cada instante,/ en los ocasos de mi vida”⁷⁹ – é pela revitalização que se produz a empatia, que nos libertamos da extrema inoperância da vida, mera errância quando desprovida de uma busca de sentido intersubjectiva.

- 14 Esta consciência colectiva não é mais que o *nós*, a consistência ou convivência, que nos aporta a proximidade extrema com o outro, que é a paisagem humana indispensável àquilo que somos. O *eu* que somos revela-se na interacção com o universo do outro, criando uma nova dimensão que nos ensina a profusão e a significação do que somos.⁸⁰ Pois o que há de fundamentalmente extraordinário e problemático na vida não é a realidade de uma efabulação abstracta e longínqua,⁸¹ mas sim a própria capacidade de a podermos pensar, ou a radicalização concreta e próxima da superabundância metafísica que é a realidade humana, no seu mais simples ser-se. Ao reconhecermos a dimensão surpreendente e incomensurável da vida, permitimo-nos desvelar a sua plenitude possível. “No dejes ir un día,/ sin cojerle un secreto, grande o breve/ Sea tu vida alerta/ descubrimiento cotidiano”,⁸² sublimação última da volubilidade de existir, na segurança de nos compreendermos parte exígua da totalidade do mundo, e totalidade livre e exponente de nós mesmos, ponto ínfimo e transfinito na imensidão do universo.

Sé bien que soy tronco
Del árbol de lo eterno.
Sé bien que las estrellas
Con mi sangre alimento.
Que son pájaros míos
Todos los claros sueños...
Sé bien que cuando el hacha
De la muerte me tale,
Se vendrá abajo el firmamento.⁸³

BIBLIOGRAFIA

- ALTOLAGUIRRE, Manuel, *Poesías Completas*, Alianza, Madrid, 1984.
- AMADO, Alonso, *Materia y forma en Poesía*, Editorial Gredos, Madrid, 1960.
- AMOEDO, Margarida Isaura Almeida; J. M. de Barros Dias e Antonio Sáez Delgado (org.), *J. Ortega y Gasset, leituras críticas, no cinquentenário da morte do autor*, Secção de Filosofia do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, Évora, 2007.
- AMOEDO, Margarida Isaura Almeida, *José Ortega y Gasset: A aventura filosófica da educação*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2002.
- ARANGURÉN, José Luís Lopez, *La ética de Ortega*, Madrid, Taurus, 1966.
- ATIENZA LUJÁN, Ángel Luiz, “La huída hacía delante. Leer a Juan Ramón Jiménez después de Diario de un Poeta Recien casado”, *Ocnos*, n.º 5, 2009.
- AZAM, Gilbert, *L'Oeuvre de J. R. Jimenez*, París, 1980.
- BERGAMÍN, José, *Con el andar del tiempo – El pensamiento de un esqueleto: Antología periodística*, Litoral, 1984, pp. 135-37.
- BLANCH, Antonio, *La poesía pura española: conexiones con la cultura francesa*, Gredos, Madrid, 1976.
- BURGOA, Vicente Lorenzo, “Los extractos intuitivos, o la intuición abstractiva, según Ortega y Gasset”, *Διαίμων. Revista de Filosofía*, n.º 43, 2008, pp. 103-130.
- CARDWELL, Richard, “Juan Ramón, Ortega y los intelectuales”, *Hispanic Review*, Vol. 53, No. 3, University of Pennsylvania Press, 1985, pp. 329-350.
- CATE-ARRIES, Francie, “José Ortega y Gasset and the Generation of 1927”, *Hispania*, American Association of Teachers of Spanish and Portuguese, Vol. 71, No. 3, Setembro, 1988, pp. 503-511.
- COLE, Leo R., *The Religious Instinct in the Poetry of Juan Ramón Jimenez*, Oxford, The Dolphin Book Co, 1967.
- GULLÓN, Ricardo, *Estudios sobre Juan Ramón Jiménez*, Editorial Losada S. A., Buenos Aires, 1960.
- GUTIÉRREZ, Juan García, “La Metafísica de Juan Ramón Jiménez”, *Nova Renascença: revista trimestral de cultura*, Vol. 1, n.º 2, Vila Nova de Gaia, 1981.
- GUY, Alain, *Ortega y Gasset ou la raison vitale et historique*, Editions Seghers, Paris, 1969.
- GUY, Alan, *Historia de la filosofía española*, Anthropos, Barcelona, 1985.
- HEITZMANN, Alfonso Alegre, “Lírica de una Atlántida: la plenitud poética de Juan Ramón Jiménez”, *Revista de Estudios Hispánicos*, año XXVIII, n.ºs 1 e 2, Universidad de Puerto Rico, 2001.
- JIMÉNEZ, Juan Ramón, *Libros de Poesía*, Aguilar, Madrid 1967.
- _____, *Sonetos Espirituales (1914-1915)*, Visor Libros, Madrid, 2010.
- _____, *Poemas Agrestes (1910-1911)*, Visor Libros, Madrid, 2010.
- _____, *Eternidades*, Visor Libros, Madrid, 2009.
- _____, *Política poética*, Alianza Editorial, Madrid, 1982.

- _____. *Cuadernos*, Taurus, Madrid, 1971.
- _____. *La corriente infinita: crítica y evocación*, ed. Francisco Garfias, Aguilar, Madrid, 1961.
- _____. *Recuerdo a José Ortega y Gasset*, Clavileño, IV, 24 (noviembre-diciembre, 1953), pp. 44- 49.
- _____. *Tiempo y Espacio*, edición de Arturo del Villar, Edaf, Madrid, 1986.
- JULIÁ, Mercedes, “Juan Ramón Jiménez en los espacios del tiempo”, *Revista de estudios hispánicos*, Vol. XXVIII, n.ºs, 1 e 2, 2001, pp. 65-74.
- MALISHEV, Mijail, HERRERA GONZÁLEZ, Julián, “José Ortega y Gasset, La metafísica existencial de la vida”, *Eidos: Revista de Filosofía de la Universidad del Norte*, Colombia, n.º 12, junio, 2010, pp. 214-235.
- MARÍAS, Julián, *Ortega*, Vol. 1: *Circunstancia y vocación*. – Vol. 2: *Las trayectorias*, Alianza, Madrid, 1983.
- MATTEI, Carlos J. Ramos, *La magnanimidad como expresión de la autenticidad para Don José Ortega y Gasset*, Diálogos, n. 37, 1981.
- MORA, J. Ferrater, *Diccionario de Filosofía*, artículo “inmanencia”, Vol. II, Ariel, 1994.
- OLSON, Paul R., *Time and Essence in a Symbol of Juan Ramon Jiménez*, MLN, Vol. 78, No. 2, Spanish Issue, The Johns Hopkins University Press, Março, 1963, pp. 169-193.
- ORTEGA Y GASSET, José, *Obras Completas*, Revista de Occidente, Madrid, 1966.
- _____. *Unas Lecciones de Metafísica*, Obras Completas, Tomo XII, Madrid, Alianza Editorial, 1983.
- _____. *Meditações do Quixote*, Prólogo de Julián Marías, São Paulo, Livro Ibero-Americano, 1967.
- PASCUAL, J. F., *La poética de Juan Ramón Jiménez, desarrollo, contexto y sistema*, Univ. de Salamanca, 1981.
- RODRÍGUEZ, Félix Rodríguez, *Juan Ramón Jimenez y Robert Frost: Tiempo y expresión en la escritura poética*, Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, 2003.
- SALGADO, María, “Río-mar-desierto: Plasmación dinâmica del revivir juanramoniano”, *Hispania*, Vol. 65, No. 2, Maio, 1982, pp. 194-199.
- SANCHEZ-BARBUDO, A., *La segunda época de Juan Ramón Jiménez*, Madrid, 1962.
- WILCOX, J. “‘Naked’ versus ‘Pure’, Poetry in Juan Ramón Jiménez, with Remarks on the Impact of W. B. Yeats”, *Hispania*, Vol. 66, n.º 4, Dezembro, 1984, pp. 511-521.

NOTAS

1. José Ortega y Gasset e Juan Ramón Jiménez travam contacto pela primeira vez em 1903, por familiaridade com a pessoa de Luís Simarro, vindo a participar posteriormente juntos na revista *Helios* (1903-1904). A relação entre ambos será intermitente em virtude da partida de Ortega para a Alemanha em 1904 e posteriormente da viagem de Jiménez aos Estados Unidos (1916). Os anos de 1912 a 1916 marcarão um período de encontros assíduos entre ambos – “Cuantas discusiones lucidas, y de cuantas cosas, tuvimos Ortega y yo en aquellos dias de ansia!” –, período que conhece igualmente a publicação das *Metaciones del Quijote* (1914), obra que Ortega dedicará a Jiménez, seu também editor (cf. Juan Ramón Jiménez, *Recuerdo a Ortega y Gasset*, 1953). Para além da partilha coetânea do momento histórico e da efusividade cultural da Espanha pré-franquista, existe uma contingência de ordem essencial no pensamento de Ortega y Gasset e Juan Ramón, relacionada com a partilha de uma atitude básica entre ambos face à valorização da consciência

humana e à preocupação com o dualismo “eu-outro”. Há uma dedicação comum à viragem do pensamento para a esfera de concretude do homem e da sua auto-realização, programa englobante também dos aspectos sociais e políticos, da vocação artística, da educação moral e do cumprimento do trabalho prazeroso, ideias herdeiras do pensamento krausista, da pedagogia de Giner e do idealismo alemão. (Cf. J. F. Blasco Pascual, *La poética de Juan Ramón Jiménez, desarrollo, contexto y sistema*, Univ. de Salamanca, 1981; Gilbert Azam, *L'Oeuvre de J. R. Jimenez*, París, 1980; F. Cate-Arries, *José Ortega y Gasset and the Generation of 1927*, Hispania, 1988; R. A. Cardwell, *Ortega y los intelectuales*, Hispanic Review, 1985.)

2. Para Ortega, toda a vida é interpretação e justificação, a procura da metafísica é a tradução de uma necessidade de segurança e orientação humanas. A metafísica é a própria construção do mundo pelo homem, por meio da salvação da sua circunstância. “El Mundo, el Universo, no es dado al hombre: le es dado la circunstancia con su innumerable contenido. Pero la circunstancia y todo en ello es, por si, puro problema. Ahora bien, no se puede estar en un puro problema.” José Ortega y Gasset, *Unas lecciones de metafísica*, Obras Completas, Tomo XII, Madrid, Alianza Editorial, 1983, p. 29.

3. “Los viejos presocráticos fueron filósofos-poetas que plasmaron en rotundos hexámetros sus lucubraciones acerca de la Naturaleza”. Juan Ramón Jiménez renova os vínculos ancestrais entre filosofia e poesia, formulando em verso as suas intuições de índole metafísica e a sua interpretação peculiar da realidade. Cf. Juan García Gutiérrez, *La Metafísica de Juan Ramón Jiménez*, Nova Renascença: revista trimestral de cultura, Vol.1, n.º 2, Vila Nova de Gaia, 1981, p. 2.

4. Juan Ramón Jiménez, CII, *Eternidades*, Visor Libros, Madrid, 2009, p. 142.

5. José Ortega y Gasset, *Adán en el Paraíso*, Obras Completas, Tomo I, Revista de Occidente, Madrid, 1966, p. 480.

6. “Todo aquello que llega con tal inmediatez a mi yo que entra a formar parte de él es una vivencia. Como el cuerpo físico es una unidad de átomos, así es el yo o cuerpo consciente una unidad de vivencias”. Cf. José Ortega y Gasset, *Sobre el concepto de sensación*, OC, Tomo I, p. 256.

7. *Ibid.*, p. 478.

8. J. Ferrater Mora, *Diccionario de Filosofía*, artículo “inmanencia”, Vol. II, Ariel, 1994, p. 1703.

9. Juan Ramón Jiménez, *Sonetos Espirituales (1914-1915)*, Visor Libros, 2010.

10. Ortega formula aqui uma crítica ao imperativo moral kantiano com a sua expectativa de racionalização da pessoa humana, julgando-o uma obra inexequível quando atentamos na real impossibilidade de agarrar o ser nosso e o ser dos outros: “Hacer, como Kant, de estas palabras la expresión de una norma y el esquema de todo deber equivale a declarar que de hecho cada uno de nosotros usa de los demás congéneres, los trata como cosas.” José Ortega y Gasset, *Ensayo de estética à manera de prólogo*, OC, Tomo VI, pp. 246-247.

11. Ángel Luiz Luján Atienza, *La huida hacia delante. Leer a Juan Ramón Jiménez después de Diario de un Poeta Recienacado*, Ocnos, no. 5, 2009, pp. 3-5.

12. Esta noção de intuição de interioridade lembra a máxima de Santo Agostinho, “noli foras ire, in te ipsum redi, in interiore homine habitat veritas”. Cf. Juan García Gutiérrez, *La Metafísica de Juan Ramón Jiménez*, Nova Renascença: revista trimestral de cultura, Vol. 1, n.º 2, Vila Nova de Gaia, 1981, p. 5.

13. Cf. José Ortega y Gasset, *¿Que és Filosofía?*, OC, Tomo VII, pp. 183 e 175.

14. José Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote*, OC, Tomo I, p. 354.

15. Juan Ramón Jiménez, Amor y Poesía cada día – III, *Eternidades*, p. 43.

16. José Ortega y Gasset, *ibid.*, p. 351.

17. Juan Ramón Jiménez, LXIV Pájaro, *Eternidades*, p. 104.

18. José Ortega y Gasset, *Adán en el Paraíso*, OC, Tomo I, p. 475.

19. Juan Ramón Jiménez, CIV – Sus nombres son iguales, *Eternidades*, p. 144.

20. Juan Ramón Jiménez, *Libros de Poesía*, Aguilar, Madrid 1967, p. 1342.

21. José Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote*, OC, Tomo I, p. 319.

22. *Ibid.*, p. 322.

23. *Ibidem*, p. 322.

24. As viagens por mar aos Estados Unidos em transatlântico (1916-1936) e dos Estados Unidos à Argentina (1948), bem como o próprio contexto do seu casamento com Zenobia Camprubí Aymar, marcarão profundamente o desenvolvimento pessoal do poeta, que confiará a Gullón as seguintes palavras a propósito da obra *Diario de un Poeta Recién casado*: “El libro está suscitado por el mar y nació con el movimiento del barco que me traía a América. En él usé por primera vez el verso libre: éste vino con el oleaje, con el no sentirme firme, bien asentado” in Ricardo Gullón, *Estudios sobre Juan Ramón Jiménez*, 1958, p. 84.

25. José Ortega y Gasset, *Moralejas - III. La pedagogía del paisaje*, OC, Tomo I, pp. 54-55.

26. É uma bela imagem que nos surge em *Dios deseado y deseante*, reflectindo o encontro derradeiro do eu com a plenitude da vida. Explicita Alfonso Alegre Heitzmann a este respeito: “lo siente el poeta con la misma intensidad en los otros seres, en sus ‘hermanos eternos’: el pájaro, el árbol, la flor... Juan Ramón siente la correspondencia de ese centro, del ‘sitio fiel en donde está la eternidad’, en la naturaleza. Más aún: es descubrir que cada uno de esos seres amados fundan y se fundan en un lugar, hondo, infinito, lo que le confirma al poeta en la profundidad de su propio ser”. Cf. Alfonso Alegre Heitzmann, *Lírica de una Atlántida: la plenitud poética de Juan Ramón Jiménez*, Revista de Estudios Hispánicos, año XXVIII, núms. 1 e 2, Universidad de Puerto Rico, 2001.

27. Leo R. Cole, *The Religious Instinct in the Poetry of Juan Ramón Jimenez*, Oxford, The Dolphin Book Co., 1967, pp. 86-87.

28. Juan Ramón Jiménez, XXXVI, *Eternidades*, p. 76.

29. José Ortega y Gasset, *Las Atlántidas*, Tomo III, p. 290.

30. Enquanto teoria englobante da infinitude do pensamento e da vida, José Ortega y Gasset caracteriza a relatividade em Einstein como uma “maravillosa justificación de la multiplicidad armónica de todos los puntos de vista”, p. 237. Cf. *Ibid.*, pp. 200-240.

31. Cf. *Ibid.*, p. 202.

32. José Ortega y Gasset, *La Deshumanización del Arte*, OC, Tomo III, p. 371.

33. José Ortega y Gasset, *La Rebelión de las Masas*, OC, Tomo IV, p. 141.

34. “Para nosotros real es lo sensible, lo que ojos y oídos nos van volcando dentro: hemos sido educados por una edad rencorosa que había laminado el universo y hecho de él una superficie, una pura apariencia. Cuando buscamos la realidad, buscamos las apariencias. Mas el griego entendía por realidad todo lo contrario; real es lo esencial, lo profundo y latente; no la apariencia, sino las fuentes vivas de toda la apariencia. Plotino no pudo nunca determinarse a que le hicieran un retrato, porque era esto, según él, legar al mundo la sombra de una sombra.” Cf. José Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote*, OC, Tomo I, p. 373.

35. Juan Ramón Jiménez, XXII *La Noche*, *Eternidades*, p. 62.

36. Como observa Amado Alonso, a preocupação dos ‘poetas essenciais’ desde Mallarmé, tem sido a intensidade com que procuram “salvar lo perdurable y esencial del seguro naufragio que es el azaroso existir temporal”. Cf. Amado Alonso, *Materia y forma en poesia*, Madrid, 1960, p. 294.

37. José Ortega y Gasset, *Adán en el Paraíso*, OC, Tomo I, p. 483.

38. José Ortega y Gasset, *La deshumanización del arte*, OC, Tomo III, p. 367.

39. Juan Ramón Jiménez, *El viaje definitivo*, Poemas Agrestes (1910-1911), Visor Libros, 2010.

40. José Ortega y Gasset, *Ideas sobre la novela*, OC, Tomo III, p. 393.

41. “Esta exigencia de efectiva realización en el mundo, más allá de nuestra mera subjetividad e intención, es lo que expresa el hacer. Ello nos obliga a buscar medios para pervivir, para ejecutar el futuro, y entonces descubrimos el pasado como arsenal de instrumentos, de medios, de recetas, de normas.” Cf. Mijail Malishev, Julián Herrera González, *José Ortega y Gasset: La metafísica existencial de la vida*, Eidos, Revista de Filosofía de la Universidad del Norte, Universidad del Norte, Colombia, núm. 12, junio, 2010, pp. 214-235.

42. José Ortega y Gasset, *Pidiendo un Goethe desde dentro*, OC, Tomo IV, p. 392.

43. “Un presente que sea como el medio de una fuga infinita hacia adelante, retenida infinitamente desde atrás”, Jiménez, 1990, p. 334. Cf. Luján Atienza, Ángel Luis, *La huida hacia delante. Leer a Juan Ramón Jiménez después de Diario de un poeta recién casado*, Revista OCNOS, n.º 5, 2009, p. 7.
44. Caracterizou assim Henri Morier a alegoria poética: “L’allégorie est un récit de caractère symbolique ou allusif. En tant que narration, elle est un enchainement d’actes.” Cf. D. Félix Rodríguez Rodríguez, *Juan Ramón Jimenéz y Robert Frost: Tiempo y expresión en la escritura poética*, Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, 2003, pp. 27-30.
45. José Ortega y Gasset, *Adán en el Paraíso*, OC, Tomo I, p. 478.
46. José Ortega y Gasset, *ibid.*, p. 28.
47. Juan Ramón Jiménez, *Política poética*. Madrid, Alianza Editorial, 1982, p. 210.
48. José Ortega y Gasset, *Sobre la leyenda de Goya*, OC, Tomo VII, p. 549.
49. Juan Ramón Jiménez, XCVII, *Eternidades*, p. 137.
50. José Ortega y Gasset, *Historia como sistema*, OC, Tomo VI, p. 33.
51. Juan Ramón Jiménez, *La corriente infinita*, p. 200.
52. Neste sentido se justifica a valorização da arte face à ciência, cujo pleito culminou na geração de 1927. Ao ausentar-se de uma tentativa de sistematização objectivada do real, e centrando-se no estritamente único, transitório e particular, a arte actuaria enquanto reflexo genuíno da própria vida, sempre incompleta, em continuidade, como uma longa viagem sem fim. Tal como assevera José Bergamín, “No hay ‘obra de arte’ hecha de una vez para siempre.... No es la obra de arte ‘artefacto’ imaginativo. Con el tiempo se hace, se va haciendo mejor”. Cf. Francie Cate-Arries, *José Ortega y Gasset and the Generation of 1927*, Hispania, American Association of Teachers of Spanish and Portuguese, Vol. 71, No. 3, Setembro, 1988, pp. 137-138.
53. José Ortega y Gasset, *ibid.*, p. 33.
54. Juan Ramón Jiménez, *Cuadernos*, Taurus, Madrid, 1971, p. 221.
55. José Ortega y Gasset, *Prólogo para Alemanes*, OC, Tomo I, p. 29.
56. José Ortega y Gasset, *Adán en el paraíso*, OC, Vol. I, p. 478.
57. “Sólo sus sufrimientos y sus goces le instruyen sobre sí mismo. ¿Quién es ese ‘sí mismo’ que sólo se aclara a posteriori, en el choque con lo que le va pasando? Evidentemente, es nuestra vida-proyecto, que, en el caso del sufrimiento, no coincide con nuestra vida efectiva: el hombre se dilacera, se escinde en dos – el que tenía que ser y el que resulta siendo. La dislocación se manifiesta en forma de dolor, de angustia, de enojo, de mal humor, de vacío; la coincidencia, en cambio, produce el prodigioso fenómeno de la felicidad.” Cf. José Ortega y Gasset, *Pidiendo un Goethe desde dentro*, OC, Vol. III, p. 403.
58. Parafraseia a expressão de Nietzsche: “Es muy fácil pensar las cosas; pero es muy difícil serlas.” Cf. José Ortega y Gasset, *Pidiendo un Goethe desde dentro*, OC, Vol. III, p. 393.
59. *Ibid.*, p. 402.
60. José Ortega y Gasset, *La rebelión de las masas*, OC, Vol. IV, p. 159.
61. Juan Ramón Jiménez, I – Acción, *Eternidades*, p. 41.
62. Como pensaram Emilio Prados e Manuel Altolaguirre, a vocação poética no sentido de perpétua auto-invenção, do “hombre que todos construimos”, em que os nossos actos, e as tarefas de que nos ocupamos, são um nascer de novo, “Escribir es nacer”. Somos trazidos à vida, vimos-a-ser renovadamente com todos os nossos gestos: “Nacido de su Verbo/ de donde salgo cada día.” Cf. Manuel Altolaguirre, *Poesías Completas*, Alianza, Madrid, 1984, p. 324.
63. María A. Salgado, *Río-mar-desierto: Plasmación dinámica del revivir juanramoniano*, Hispania, American Association of Teachers of Spanish and Portuguese, Vol. 65, No. 2, Maio, 1982, p. 195.
64. José Ortega y Gasset, *España Invertebrada*, OC, Vol. III, p. 102.
65. Juan Ramón Jiménez, CXIII, *Eternidades*, p. 153.
66. Paul R. Olson, *Time and Essence in a Symbol of Juan Ramon Jiménez*, MLN, Vol. 78, No. 2, Spanish Issue, The Johns Hopkins University Press, Março, 1963, pp. 169-193, p. 173.

67. Juan Ramón Jiménez, II, *Eternidades*, apêndice.
68. Juan Ramón Jiménez, XCII, *Eternidades*, p. 137.
69. Juan Ramón Jiménez participa do conceito metafísico que define a essência de tempo desde Parmênides a Husserl como o agora, ou um núcleo intemporal do tempo: “Lo absoluto, como lo eterno, se caracteriza por su inmediatez e instantaneidad: es una ‘sorpresa’, algo que aparece súbitamente.” Cf. Félix Rodríguez Rodríguez, *Juan Ramón Jiménez y Robert Frost: Tiempo y expresión en la escritura poética*, Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, 2003, p. 75.
70. Uma inquietude de eternidade, que lembra a saudade insaciável da alma humana em S.^{to} Agostinho, é o motivo básico para a procura de significação e de captação poética da essência do mundo. Cf. Ricardo Gullón, *Estudios sobre Juan Ramón Jiménez*, Editorial Losada, Buenos Aires, 1960, pp. 178-180; A. Sanchez-Barbudo, *La segunda época de Juan Ramón Jiménez*, Madrid, 1962.
71. Richard A. Cardwell, *Juan Ramón, Ortega y los intelectuales*, Hispanic Review, Vol. 53, No. 3, 1985, pp. 329-350, University of Pennsylvania Press, p. 340.
72. José Ortega y Gasset, *¿Qué es filosofía?*, OC, Tomo VII, p. 278.
73. José Ortega y Gasset, *Introducción a Velázquez*, OC, Tomo VIII, p. 566.
74. A adesão de Ortega à moral da magnanimidade ou megalopsiquia tem raízes em Aristóteles e na concepção ética grega de megalopsiquia enquanto mãe das virtudes, ou a virtude fundamental de onde derivam todas as outras. Cf. José Luís Lopez Arangurén, *La ética de Ortega*. Madrid, Taurus, 1966, p. 41; Carlos J. Ramos Mattei, *La magnanimidad como expresión de la autenticidad para Don José Ortega y Gasset*, Diálogos, n. 37, 1981, p. 93.
75. Juan Ramón Jiménez, XCIX, *Eternidades*, p. 139.
76. Indica Julián Marías a este respeito: “a coincidência do homem consigo mesmo não é senão a maneira adequada de fazer-se patente o latente no homem; por outras palavras, a forma humana da alétheia”, Julián Marías, “Prólogo”, in José Ortega y Gasset, *Meditações do Quixote*, São Paulo, Livro Ibero-Americano, 1967, p. 592.
77. José Ortega y Gasset, *En torno a Galileo*, OC, Tomo V, p. 74.
78. Juan Ramón Jiménez, CXXXV, *Eternidades*, p. 176.
79. Juan Ramón Jiménez, XCVI, *Eternidades*, p. 136.
80. Como evidencia E. Fischer, “Si la naturaleza consistiese únicamente en ser un individuo, este deseo resultaría incomprensible y absurdo, pues ya sería un todo como individuo, es decir, sería todo lo que fuese capaz de ser. El deseo del hombre de expansionarse, de complementar su ser, indica que es algo más que un individuo... Lo que el hombre aprende como potencial suyo abarca todo cuanto la humanidad en general es capaz de hacer.” Cf. E. Fischer, *La necesidad del arte*, Península, Barcelona, 1972, pp. 5-7.
81. “Caerá usted en la cuenta del increíble descarrío en que ha caminado siempre la filosofía al llamar yo las cosas más extravagantes, pero nunca eso que usted llama yo en su existencia cotidiana.” Cf. José Ortega y Gasset, *Pidiendo un Goethe desde dentro*, OC, Tomo III, p. 395.
82. Juan Ramón Jiménez, XCIX, *Eternidades*, p. 139.
83. Juan Ramón Jiménez, CXXII, *Eternidades*, p. 163.

RESUMOS

A metafísica abandona em José Ortega y Gasset e Juan Ramón Jiménez a sua pré-noção enquanto matéria de carácter geral e abstracto, sendo compreendida antes como uma urgência de ordem

íntima, radicada na pessoa humana, de resposta aos problemas do ser e da existência. O homem é entendido, para estes autores, na sua dimensão de possibilidade como o fundamento de todo o exercício filosófico, ou do seu próprio ser e viver. Ao questionarmos o sentido da vida na sua consistência transfinita, propomos a clarificação da realidade metafísica enquanto substrato vital do humano, que não é mais que a busca de plenitude e reiteração do mundo dada na nossa própria actividade vivencial.

In José Ortega y Gasset and Juan Ramón Jiménez metaphysics is not understood in its usual acceptance as a pre-notion for general and abstract matters, but rather as an intimate urgency, rooted in the human person, of response to the problems of being and existence. For these authors, man is interpreted in his dimension of possibility as the foundation of all philosophical exercise, or of his own being and living. By questioning the meaning of life in its transfinite consistency, we intend to clarify the metaphysical reality comprehending it as the vital substrate of the human, which is no less than the pursuit of fullness and reiteration of the world given in one's own experiential activities.

ÍNDICE

Keywords: José Ortega y Gasset, Juan Ramón Jiménez, metaphysics, Hispanic thought

Palavras-chave: José Ortega y Gasset, Juan Ramón Jiménez, metafísica, pensamento hispânico

AUTOR

HELENA SIMÕES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Licencianda no curso de Ciência Política e Relações Internacionais – Minor em História da

Filosofia (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa). Obteve uma

menção honrosa no “Prémio Revista Polímnia” do Núcleo de Ciência Política e Relações

Internacionais da FCSH/UNL (2011) e foi bolsreira no Seminário Queirosiano “Gentes e Paisagens

na Literatura Portuguesa do Século XIX” pela Fundação Eça de Queiroz (2012). É actualmente

colaboradora no projecto de investigação “Gerações Hispânicas”, integrado na unidade de

Pensamento e Cultura Hispânica do Centro de História da Cultura da FCSH/UNL. Tem como áreas de

interesse na investigação História das Ideias Culturais e Políticas, Filosofia Política, Filosofia e

Literatura Ibero-americanas, Filosofia e Literatura Orientais.

She is a bachelor's student in Political Science and International Affairs – Minor in History of

Philosophy, at Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Universidade Nova de Lisboa. She

received an honourable mention for the “Prémio Revista Polímnia” promoted by Núcleo de

Ciência Política e Relações Internacionais – FCSH/UNL (2011) and was awarded a scholarship by

Fundação Eça de Queiroz, to attend the Seminário Queirosiano “Gentes e Paisagens na Literatura

Portuguesa do Século XIX” (2012). She currently works as a research collaborator in the project

“Gerações Hispânicas”, integrated in the unity of *Pensamento e Cultura Hispânica* at Centro de

História da Cultura – FCSH/UNL (2012/2013). Her research interests focus on History of Cultural

and Political Ideas, Political Philosophy, Iberic-american Philosophy, Iberic-american Literature,

Oriental Philosophy and Oriental Literature.